

BARTOLOMEU DE GUSMÃO, O MESSIAS DESCONHECIDO

*Paulo Valadares**

Resumo: O Padre Bartolomeu de Gusmão (1685-1724) é mais conhecido como o inventor do balão aerostático. Ele morreu como fugitivo da Inquisição portuguesa. Apesar de publicadas as verdadeiras razões de sua fuga, a versão afirmando que ele morreu ao ser acusado de feitiçaria é a mais difundida. Neste artigo reconstruímos as razões de sua fuga através de um documento oficial, onde surge outra versão: o biografado declarou-se o Messias judaico, baseado unicamente na leitura do Profeta Daniel.

Abstract: The priest Bartolomeu de Gusmão (1685-1724) is best known as the inventor of the balloon aeronautical. He died as fugitive of the Portuguese Inquisition. Despite published the real reasons for their flight claiming that he died while being accused of witchcraft is the most widespread. In this article study the reasons for their flight through an official document, which comes another version: Bartolomeu de Gusmão said it is the Jewish Messiah, based solely on the reading of the Prophet Daniel.

*“Em Toledo. Lá fora, a vida tumultua / E canta. A multidão em festa se atropela... / E o pobre, que o suor da agonia enregela, / Cuida o seu nome ouvir na aclamação da rua. / Agoniza o Voador. Piedosamente, a lua / Vem velar-lhe a agonia, através da janela.... / A Febre, o Sonho, a Glória enchem a escura cela, / E entre as névoas da morte uma visão flutua: / “Voar! Varrer o céu com as asas poderosas, / Sobre as nuvens! Correr o mar das nebulosas, / Os continentes de ouro e fogo da amplidão!.. / E o pranto do luar cai sobre o catre imundo... / E em farrapos, sozinho, arqueja moribundo / Padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão.” (Olavo Bilac, *As Viagens*, X).*

* Mestre em História Social (USP). Co-autor do *Dicionário Sefaradi de Sobrenomes* (2003) e *B.J. Duarte, o caçador de imagens* (2007) e autor de *A presença Oculta: Genealogia, identidade e cultura cristã-nova brasileira nos séculos XIX e XX* (2007).

No mesmo ano, 1724, em que o Rabino Yisrael Baal Shem-Tov (1668-1760) de próxima origem ibérica, começou na Ucrânia o estudo esotérico da *Torah* (os cinco primeiros livros da Bíblia) iniciando o movimento *hassídico* (pietismo judaico) que reforçou a crença na redenção messiânica; em Portugal, o brasileiro Bartolomeu de Gusmão (1685-1724), inventor do balão aerostático Passarola, Capelão Real de D. João V (1689-1750), “*o maior homem que o século XVIII deu a este canto da Europa [Portugal]*” (TAUNAY: 515), segundo definição do escritor português Camilo Castelo Branco, fugiu da perseguição inquisitorial em direção à Espanha, acreditando surpreendentemente que era o *Maschiach* (Messias) destinado a libertar todos os judeus de sua época. Algo espantoso para um sacerdote católico brasileiro.

A história desta frustrada jornada messiânica que começou na leitura proibida de um profeta bíblico, passou pela repressão inquisitorial a tudo que lembrasse judaísmo e terminou com a morte do quase solitário protagonista em Toledo, é o assunto das próximas linhas. Para este trabalho usei o depoimento dado por um cúmplice da fuga ao frei carmelita Francisco Montiel de Fuentenovilla: “*Cópia dela relazion voluntaria que / desi hizo el pe. Fray Juan Alvarez de S^{ta} Maria Religso carmelita / Calzado*” (MONTIEL: 15-103), que foi publicado por Bertha Leite nos *Anais do IV Congresso de História Nacional*.

Este documento foi lido fundamentalmente nas suas entrelinhas.

O PROFETA DANIEL E A CULTURA CRISTÃ-NOVA

Portugal sofreu dois traumas sociais muito próximos que o marcaram profundamente. Primeiro foi a conversão forçada ou expulsão da população judia de seu território. E depois a perda da soberania nacional ao reconhecer um rei estrangeiro como sucessor do trono português, depois que o seu monarca D. Sebastião (1544-1578) desapareceu numa desvairada incursão militar contra os muçulmanos. Estes dois episódios levaram o povo viver numa constante exaltação mística, já que as soluções terrenas pareciam não dar conta dos problemas gerados por eles. O embaixador britânico em Portugal, James O'Hara, Lord Tirasley (c. 1682-1773) cunhou uma frase para identificar esta excitação da população: “*metade da qual está [ansiosa] pela vinda do Messias, e a outra metade pela de D. Sebastião [o rei desaparecido em Alcácer-Quebir]*” (MARTINS: 444). O que no fundo significava a mesma coisa. A recuperação de uma Era de Ouro passada ou a paz e prosperidade desejada que viessem com esta presença messiânica.

O Messias (*Maschiach*) é um dos elementos centrais da religião judaica. É a crença que um homem escolhido por *Adonai* (nome usado entre os judeus para designar o Deus cultuado por Abraão, Isaac e Jacó), dentre os descendentes

do Rei David liderará a redenção humana. Ele é destinado a comunidade judaica, porém a sua ação transformadora será tão radical que modificará a existência de toda a humanidade. O Messias está previsto e descrito nos textos sagrados do Judaísmo. Há uma tipologia para que ele seja identificado quando surgir. O Rábino Moisés Maimônides (1135-1204), nascido em Córdoba, incluiu nos Treze Princípios da Fé Judaica (*Shelosha Assar Ikarim*), codificados por ele, a obrigação de crer-se na sua existência.

11. *Nosotros creyemos com emuná complida en venidura del Mashiahh Ben-David, e a que se detarda “afilu achi” le esperamos (eu creio com fé completa na vinda do Messias, e apesar dele tardar em vir, contudo esperá-lo-ei em cada dia)* (MATZLIAH: 385).

Há oculto em cada geração um Messias em potencial pronto para revelar-se como tal, desde que a comunidade cumpra a sua parte no processo de redenção. São muitos os judeus que se declararam ou foram reconhecidos por alguns adeptos como o Messias e fracassaram no seu objetivo. Todos eles surgiram em momentos turbulentos da vida judaica. A angústia coletiva causada pela conversão forçada e expulsão dos judeus da Península Ibérica geraram espiritualmente profetas e postulantes a Messias entre os cristãos-novos, desde Gonçalo Anes Bandarra (1500-1545), profeta seminal do messianismo português; passando por Luís Dias, o Messias de Setúbal, queimado em 1541; Diogo Pires (1500-1532), conhecido na diáspora cristã-nova como Schlomo Molcho; Miguel (“Abraham”) Cardoso (1627-1706), secretário de Shabetai Tzvi (1626-1676), este, um dos mais bem sucedidos entre os Messias falhados; e o último deles, Bartolomeu de Gusmão.

Neste clima de paroxismo místico, um autor lido inicialmente pelos judeus e depois por seus sucessores em Portugal, os cristãos-novos, o Profeta Daniel tornou-se tão popular nestes círculos messiânicos, quanto Karl Marx (1818-1883) entre os intelectuais da Europa Oriental séculos adiante. Daniel que significativamente pode ser traduzido como “*Deus é meu juiz*”, para este Povo que acreditava apenas no julgamento divino de suas vidas é “*um herói e um modelo*” (LIPINER: 167).

Ele, que a exemplo das primeiras gerações de cristãos-novos, teve dois nomes: o judaico, Daniel, e o civil, Baltasar – este fartamente difundido na onomástica portuguesa da época, que também passou pela fogueira, mas sobreviveu. Ele é presente nas explicações messiânicas dos réus a Inquisição católica, tornou-se visível nas esculturas dos profetas atribuídos ao artista mulato Antonio Francisco Lisboa, o “Aleijadinho” (1730?-1814) em Congonhas do Campo, no motivo babilônico do *ex-libris* do aristocrata brasileiro Joaquim Nabuco (1849-1910), descendente de uma destas famílias surgida na judiaria de Barcelos e, principalmente, nas orações clandestinas dos cristãos-novos.

São orações que não são endereçadas para intermediários como no costume católico, mas lembram diretamente a seu Deus que os personagens bíblicos enumerados nestas rezas estiveram em situações de perigo e receberam o seu socorro. Há registros da presença do Profeta Daniel nas orações cristã-novas do século XVI ao XX.

Como nesta oração rezada pela cristã-nova Brites Henriques (1652 -?) e registrada no processo nº 4427, que lhe foi movido pela Inquisição de Lisboa em 1674.

(...) Fazei por vosso Santíssimo nome que os Anjos que na vossa companhia estão peção por my, me livre do poder de justiças e de falsos testemunhos e dos verdadeiros que me não impeção; livrai-me Senhor assim como livraste a Noé do dilúvio a Jonas do ventre da balea aos vossos servos do forno ardente, A DANIEL DO LAGO DOS LEÕES (nossas maiúsculas), a Judith de Holofores, a David do seu sogro Saul, a Santa Esther das avidas mão (sic) de Amão (...) (SCHWARZ: 100).

Ou no romance recolhido na década de vinte passada entre os descendentes de cristãos-novos beirões que formaram a “Obra do resgate” liderada pelo Capitão Artur Carlos de Barros Basto (1887-1961):

(...) Nisto ouviu Daniel / Uma música cantada, / O que a música dizia / Daniel escutava. / Dizia d’esta maneira: / “Olhae, filhos d’Israel, / que a liberdade feliz / O Senhor anunciou!” / Poz-se a contar as semanas, / Não as pode contar / Poz-se a somar os dias / Não os pode somar; / Os segredos do Senhor / Ninguém os pode penetrar (...) (SCHWARZ: 57).

O cativo dos judeus em Babilônia tornou-se aos olhos destas pessoas uma espécie de situação precedente a sua. Eles se identificavam com os personagens que tinham enfrentado provações semelhantes. A Rainha Ester que fora ensinada pelo tio a não dizer o seu povo e religião serviu de modelo de comportamento para o criptojudaísmo ibérico. Porém é o Profeta Daniel que vai fertilizar estas mentes. A cronologia dos impérios proposta por ele tornou-se quase hegemônica entre as explicações históricas da época. A equação criada por ele cuja resolução dá a chegada do Messias foi calculada inúmeras vezes em Portugal.

(...) E ouvi o homem vestido de linho, que estava sobre as águas do rio, quando levantou a sua mão direita, e a sua mão esquerda ao céu, e jurou por aquele que vive eternamente que depois de um tempo, de tempos e metade de um tempo, e quando tiverem acabado de destruir o poder do povo santo, todas estas cousas serão cumpridas (DANIEL: 12:7).

As suas indicações temporais do começo do Quinto Império, e consequentemente do surgimento do Messias, mereceram o estudo dos exegetas portugueses, tanto para judeus como para cristãos.

O judeu lisboeta Isaac Abravanel (1437-1508), que foi tesoureiro de Afonso V, encontrou a resposta para esta questão importante do judaísmo, definindo numericamente o significado de “tempo” na equação profética de Daniel. Tempo, segundo ele, é o espaço temporal entre a primeira aliança firmada por Deus e os *Bene Yisrael* (povo judeu), até a destruição do primeiro *Bet Hamicdash* (o templo em Jerusalém), algo como 410 anos. Tempos seria o dobro disto e meio tempo, a metade. Somando os três valores, 1435 anos, que colocado a partir do segundo templo, daria o ano de 1503 (5263 no calendário judaico) como o ano da redenção (NETANYAHU: 256).

Já o Padre Antonio Vieira (1608-1697), fez também os seus cálculos e reconheceu esta vocação messiânica no já falecido D. João IV (1604-1656), o rei que restaurou a autonomia nacional do país, mas que ressuscitaria e a partir de Jerusalém iniciaria o Quinto Império.

A VIDA SECRETA DO CAPELÃO REAL

Os leitores do profeta babilônico vão se sucedendo. Até que um deles vai além dos cálculos e também se torna um dos protagonistas da história messiânica. É Bartolomeu Lourenço, ele acrescentou Gusmão em homenagem a um benfeitor, nascido em Santos, no litoral paulista, em dezembro de 1685, numa família de modestos recursos que vivia próxima ao bairro do Valongo. Foi o terceiro filho dos doze de Francisco Lourenço, português de Cabanas, freguesia de S. Pedro da Queimadela, termo de Guimarães, um pequeno comerciante e cirurgião militar na cidade praiana. A mãe era Maria Álvares, filha de reinol e brasileira. Pouco se sabe de seus antepassados. A exceção é a avó materna, Maria Gomes, cuja genealogia é conhecida até os bisavós maternos e neta de Gonçalo Pires Pancas, juiz ordinário da Vila de Santos (1630), grande proprietário fundiário na região. Maria Álvares era irmã de cinco religiosos, três padres jesuítas e dois frades capuchinhos. Era uma família com dificuldades financeiras para educar a extensa prole. Através da influência de um jesuíta português, Alexandre de Gusmão (1629-1724), amigo da família, dois filhos do casal, Bartolomeu e Alexandre foram estudar no Seminário de Belém em Cachoeira na Bahia.

Bartolomeu de Gusmão teve múltiplas atividades, foi um sacerdote católico (presbítero), cientista e alto burocrata do estado. Ele sabia francês, italiano, holandês, inglês, grego, latim e hebraico. Conhecia profundamente engenharia, matemática e Direito. Quando aluno em Cachoeira na Bahia criou um sistema que levava água do rio Paraguaçu a parte alta da cidade. Porém a sua maior in-

venção foi o balão aerostático chamado “Passarola” destinado ao transporte de passageiros (VISIONI: 28-33). Era também um prodígio em outras áreas, memorizava longos trechos da Bíblia, sabendo fazer complexas relações entre elas. Estas qualidades levaram-no a viver na Corte lisboeta por algum tempo, onde recebeu o cargo honroso de Capelão Real de D. João V (1678-1750) e o convite para ser um dos fundadores da Academia Real de História Portuguesa, para onde foi a intelectualidade mais influente da época, gente como o genealogista António Caetano de Souza (1674-1759), o bibliófilo Diogo Barbosa Machado (1682-1772), o dicionarista Rafael Bluteau (1638-1734) e principalmente, D. Francisco Xavier de Menezes, 4º Conde da Ericeira (1673-1743), que, como membro da máquina burocrática inquisitorial prendeu cristãos-novos cariocas, próximos a Bartolomeu, denunciados por ainda manterem traços culturais dos ascendentes judeus.

Não se conhece bem as suas origens familiares, porém o *processo de genere et moribus* (investigação oficial sobre a origem étnica e dos costumes de candidatos a cargos públicos) de Bartolomeu de Gusmão a descreve como “cristão-velho”. Neste momento a população portuguesa é dividida em cristãos-novos, descendentes de judeus convertidos à força no século XX, privadas de alguns direitos civis e os cristãos-velhos, chamados “puritanos” quando podiam exibir uma genealogia sem ascendentes judaicos ou mouros. A classificação etnocultural da família Gusmão pode ter sido meramente formal, algo perceptível através de um trabalho de teoria genealógica, “*Genealogia Geral Para Desvanecer a Errada Opinião dos Senhores Puritanos*” escrito pelo seu irmão, o diplomata Alexandre de Gusmão (1695-1753), ironizando a “*pureza de sangue*” (ausência de ancestrais judaicos, mouros ou negros na genealogia) reivindicada pela elite portuguesa, cuja argumentação pode ser um sinal de pertencimento ao povo segregado (GUSMÃO: 255-7). Para ele o povo português era mestiço, inclusive a elite, bastava conferir a evolução das estatísticas populacionais:

É necessário saber que cada hum de nós na sua Árvore de Costado, athé quartos Avós, tem trinta e dois quartos Avós: cada um destes tem outros trinta e dois quartos Avós na sua Árvore de Costado, que ficam sendo nossos oitavos Avós: e neste grau montão para qualquer de nós, mil e vinte e quatro Avós...Á vista do que, queria que me dissessem os Senhores Puritanos se tem notícia que todos fossem Familiares do Santo Ofício? E porque não o havia nesse tempo se a tem ao menos de que elles fossem puros?...O certo he que no principio do nosso reino havia nelle Mouros convertidos, havia Cristãos, e havia Judeos, e que todos certam.te não fazião o número de cem mil pessoas (...) (GUSMÃO:255-7)

Cristão-novo ou não, Bartolomeu de Gusmão tinha convivência íntima com cristãos-novos: convivia com as famílias de vítimas fatais da Inquisição, a do teatrólogo António José da Silva, o “Judeu” e a do médico João Tomás de Castro, executados como judaizantes em 1729 e 1739, respectivamente. É possí-

vel que esta convivência doméstica tenha lhe encorajado a apropriar-se da cultura cristã-nova, que ao passar dos anos e principalmente com a mestiçagem rompia as fronteiras biológicas. Entendendo cultura cristã-nova como o conjunto formado por crenças, rezas e superstições, nascida do conflito desigual entre o catolicismo estatal e o judaísmo minoritário, cultivada com dissimulação dentro das famílias atingidas pela repressão inquisitorial.

A inquietação espiritual de Bartolomeu de Gusmão já o levava até Amsterdã, a Jerusalém dos cristãos-novos ibéricos. Não se sabe o que ele procurou por lá, nem com quem se relacionou. Os seus inimigos, e ele tinha muitos, espalharam que fora circuncidar-se. Os boatos tornaram-se tão consistentes que o seu principal detrator, Tomás Pinto Brandão (1664-1743) versejou prevendo-lhe um perigoso futuro: “(...) *Mudando de alma e de nome / quererá um certo appenso / De Bartolomeu Lourenço / Passar para António Homem (...)*” (TAUNAY: 499).

Este António Homem foi um sacerdote católico e professor na Universidade de Coimbra queimado como judaizante em 1624. Com esta imagem reconhecia a sua mutação espiritual, que, de sacerdote católico, se transformava em criptojudeu. Opção que se descoberta, seria fogueira ou garrote como destino final.

As dúvidas de Gusmão quanto às verdades cristãs o estimularam a fazer uma análise comparativa do catolicismo real e a “Bíblia Hebraica”, com prejuízos para o cristianismo. Segundo o seu irmão mais novo, Frei João Álvares de Santa Maria (1703-1755?), que vivia na mesma casa, eles começaram este estudo secreto entre maio e junho de 1722 e contou com alguém que permaneceu incógnito chamado de “*Terzera Persona*” (MONTIEL: 57). A discussão era erudita, recheada de citações em hebraico e latim, comparavam definições de alguns Doutores da Igreja com os textos de origem judaica, até ele terminar rejeitando a autoridade papal, os sacramentos católicos e principalmente as imagens sacras.

Esta terceira pessoa não foi identificada, porém temos um candidato que pode ser ele, trata-se do advogado Miguel de Castro Lara (1670- ?), um dos cristãos-novos identificados como judaizantes no Rio de Janeiro. Gusmão frequentou a sua casa em Lisboa, conforme a denúncia do estudante Luiz Terra Soares de Barbuda, namorado de Brites Eugénia Cardoza (1705- ?), filha do advogado. Ela lhe dissera que o Padre Bartolomeu de Gusmão aderira ao Judaísmo em sua casa.

Estes estudos começaram nas informações messiânicas do Profeta Daniel. O objetivo era descobrir a legitimidade de Jesus Cristo, e se ele não era o Messias descrito nas profecias, descobrir quem poderia sê-lo.

(...) donde concluía no poder ser / el mismo Xptto que adoramos, el redemptor: y asi haziendo un errado calculo / delas Eldoemadas, del mismo profetas las /

quales no queria que fueran desolos, qua / trozientos y noventa a.... pero relata suma, / repetida tres vezes y media, per entender / que eran estas Eldoemadas, el complemento dela Vision antecedente, de los tres ti / empos ymedio, ñeque estarian los Iudeos / captibos; et dati sunt usque ad tempus. / et tempora et dimidium temporis; hazien / de cada uno deestos tempos, desetenta eldocmadas, per haver allado, que en la Biblia Hebreá, honesta palabra, que signi / fique el, abreviate sunt. Dela traducz. on de / S. n Geronimo pero uma outra, que signifi / ca tafar, calumniando adho S.to traduc / tor, el no haver traduzido, segun errada / -m.te parafes, dela scriptura comla berdad / que se allá texto habreo, defendiendo / siempre alos Iudios dela Calumnia que / con razon se les Imputa, de que ay gan / viziadoasú gusto, dicho texto en esta / yotras partes; Concluía, que las setenta / ecdocmadas, contadas tres vezes ymedia / estaban tajadas (...) (MONTIEL: 17-8).

A cosmologia católica não lhes sensibilizavam mais. Eles reagiam com o mesmo rancor que os cristãos-novos tratavam na intimidade doméstica o Catolicismo.

(...) quatro ozinco vezes hize injurias externas a algunas sagradas imagenes... en una capella q. alias havia sido oratório de Misa y nella hazer sin reverencia algunas nezecidades corporales, quitar el altar, dormir muchas vezes com las espaldas para las imagenes de xptº y Maria y NS Joseph (MONTIEL: 68).

Os estudos prosseguiram até o rompimento final com o Catolicismo e a adesão espiritual ao que eles acreditavam ser o Judaísmo. “(...) *haviendo nosotros / abrazado el Judaísmo, por razones / que nos parecieron tan fuertes*” (MONTIEL: 92).

O Padre Bartolomeu de Gusmão já tinha firmado a convicção de sua missão pessoal:

(...) que a el seendereçavam todas las promesas / de aquel quinto Imperio, que profetiza / Daniel; y que una y otra cosa, le aguardava, / para que, poniendo enejecuzion, una aerea / fabrica que maquinaba, venziese todos / los reinos del Mundo, y todo lo bolbiese a / un solo Imperio Universal, en que los Iudios, sobretodos, reinarian, Iel pr su Rey; / y los que se quisiesen hazer proselitos suos, / Y que a todos los Reies del mundo sujetaria, / y destruiria sus Reinos y Ciudades, y per / la maquina qui ideava, para andar per / el aire. Visitaria en mui breve todo el / mundo, q.tas vezes quiziera pª que a todos tu / biera siempre obedientes alreinado de / los Iudios, que solo se exaltaria restituiren / de sus tierras y riquezas, delos despojos deles / demas, rehedificando la S.ta Ciudad de / Jerusalem [Um irmão deles, Frei Patricio de Santa Maria já vivia por lá] y haziendola en pouco de todo/ el orbe, no quiriendo que fuera dela Ciudad S.ta por se haver consumado en ella, / la redempcion (...) (MONTIEL: 16-7).

Mas a vida de um cortesão é sujeita aos ciúmes e intrigas dos que frequentam este universo extremamente competitivo. Bartolomeu de Gusmão não

escapou a isto. Ele foi envolvido num conflito de freiras em Odivelas que mantinham relações com a Corte. É possível que ele fosse um homem bonito e se aproveitasse disto. As protagonistas do escândalo que teriam relações com ele foram presas em 27 de setembro de 1724. Quando soube que a Inquisição interviria no caso, ouvindo algumas destas freiras, Gusmão percebeu a gravidade da situação e deu um novo rumo a sua vida, resolveu fugir para a Inglaterra onde se refugiavam cristãos-novos que pretendiam retornar a prática do judaísmo livremente, conhecidos como “Vindos de Portugal”. Para isto ele devia atravessar a perigosa Espanha e num dos seus portos tomar um navio para a tolerante Londres.

O MASCHIACH OU DON QUIJOTE?

Bartolomeu de Gusmão tomou como companheiro de jornada o seu irmão Frei João Álvares de Santa Maria, que vivia com ele e também pertencia a esta periferia do Judaísmo. Não é o primeiro caso, naquele período, de sacerdotes católicos que fogem para fazer-se judeus. O jornalista húngaro Theodor Herzl (1860-1904), criador do Sionismo político, segundo tradição familiar, descenderia de um frade espanhol. De outro frade espanhol, D. Vicente (depois Isaac) de Rocamora (c.1609-1684), médico, poeta e confessor da Princesa Maria de Espanha, futura Imperatriz da Áustria, há geração judaica até os nossos dias (STRAUSS: 23-32).

Eles saíram de Lisboa às escondidas no final de setembro de 1724, depois de lerem ao acaso o Salmo nº 18, onde o Rei David agradece ao seu Deus o livramento das perseguições inimigas (MONTIEL: 91). Não se sabe se eles fizeram uso dos passadores de fugitivos, *acarreadores de judíos*, segundo definição inquisitorial espanhola (PÈREZ: 560) para esta empreitada, já que a centenária atividade inquisitorial estimulava o surgimento destes profissionais, que conheciam a topografia a ser vencida, através das veredas mais escondidas e dos pontos seguros de pouso, pois o risco de ser denunciado por um *malsín* (delator) numa destas fugas era constante. A fuga para ter êxito dependia de uma cuidadosa logística. Os fugitivos estavam sujeitos aos ladrões, chantagistas e delatores. Para livrar-se destes perigos eles tinham que encontrar guias que conhecessem rotas seguras. Senão, podiam repetir a dolorosa história da fuga dos Lopes Dias (ancestrais do cientista Jacob Rodrigues Pereira, dos banqueiros Pereire e do historiador Pierre Vidal-Nacquet, conforme minhas pesquisas genealógicas), que saíram de Chacim, em 1698, com objetivo de fugirem para Livorno, embarcaram num navio em Lisboa, mas foram detidos em Cádiz e permaneceram na Espanha por quatro décadas até chegarem a Bordéus onde se rejudaizaram (SALGUEIRO: 145-163). Santa Maria é cauteloso no seu depoimento, não se lembra de nenhum companheiro de viagem e é muito vago na descrição dos lugares por

onde passaram. Com esta estratégia ele protege os seus “cúmplices” na fuga, desde a pessoa que avisou da prisão das freiras, o guia, as pessoas que lhe deram pousada no trajeto, elementos que formaram sua estrutura de escape.

Eles saíram de Lisboa pela estrada de Loures, demandaram a Valada, passaram à vista de Muge, depois por Montargil e Aviz, tomaram a estrada de Arronches, atravessaram o Rio Caia, acima de Badajoz. Este périplo por terras portuguesas durou dezoito dias. Entraram em Codrera no lado espanhol e aí os nomes das localidades se tornam raros e são “lembrados” apenas os próximos ao ponto final. Eles passaram por Caudilla, Torrijos (no documento, Turricos), que já fora uma aldeia judaica e Rielves, até chegar em Toledo.

Levavam alguns livros em hebraico no alforje (é bom lembrar que era um crime grave possuí-los) e um burrico. Adotaram novos nomes, Bartolomeu virou Miguel Santos e Santa Maria é Gabriel Santos. São os nomes do libertador descrito no livro de Daniel (Capítulo 12) e do anjo anunciador. A primeira providência dos cristãos-novos que alcançavam à liberdade religiosa era adotarem prenomes vetero-testamentários. Não havia regras para esta mudança onomástica, porém em muitos casos quando da fuga de um grupo familiar, o patriarca adotava o nome de Abraão (e sua esposa Sara) e o primogênito, Isaac. Buscavam na Bíblia inspiração para os seus novos nomes. Somente quando estavam fixados nestas novas pátrias é que retomavam o critério sefaradita de *nombrar* (nomear) os filhos baseados na geração anterior (o primogênito recebia o nome do avô paterno, o segundo do avô materno, depois dos tios paternos e maternos...). Quando o nome adotado foge deste padrão é possível identificar as expectativas psicológicas deste fugitivo. No caso de Gusmão e Santa Maria o objetivo de ambos era a libertação do Povo de Israel. O arcanjo Miguel é o Príncipe de Israel, advogado dos judeus e superior a Gabriel. A adoção dos nomes por ambos respeitou esta hierarquia. Na história bíblica e nos registros talmúdicos Miguel esteve presente em episódios importantes: salvou Abraão várias vezes, anunciou que Sara teria um filho, esteve na *Akedat Yitshak* (amarração para o sacrifício de Isaac), lutou e abençoou a Jacob, foi professor de Moisés, etc. O sobrenome Santos indicava o caráter sagrado de sua ação.

As condições extremas da jornada, a formação do trio, davam a eles a percepção de serem “*otro Pueblo de Israel por el Desierto*” (MONTIEL: 92). Eles conheciam o calendário judaico – naquele ano de 5485 o *Yom Kippur* caiu em 27 de setembro, que observaram numa caverna sob jejum e repouso absoluto, os *shabatot* (sábados) e logo depois o *Sucot* (Festa dos Tabernáculos). Procuravam comer o mais próximo das regras do *cashrut* (alimentação permitida). Alimentavam-se de galinhas sangradas, em oposição do costume local, que as abatiam por sufocamento. Escondiam os nacos de carne de porco que recebiam com a desculpa de reserva para a viagem, “*um poco de / puerco, advirtiendo que estaba crudo, lo / guardanos despues para hecharlo fuera*” (MONTIEL: 96).

A fuga era realizada em condições difíceis. O medo de serem descobertos e presos pela Inquisição. O cansaço devido a distância percorrida. Enquanto caminhavam furtivamente pela paisagem hostil, recitavam salmos em hebraico e voltavam ao motivo da fuga, que passara da repressão inquisitorial para uma revelação messiânica. A todo o momento, quando estavam a sós, Santa Maria provocava Bartolomeu: Quem foi Jesus? Porque Bartolomeu era o Messias? Ele não devia ter ascendência judaica? Em que ele baseava-se para esta reivindicação? Ele respondia a todas as questões fundamentadas em suas leituras da Bíblia. Jesus era apenas uma “*mera ficzion*” (MONTIEL: 24). Para as outras perguntas voltava a interpretar a equação do Profeta Daniel e provavelmente inspirado noutra passagem deste livro: “*a ciência (daat, conhecimento no texto original) se multiplicará*” (DANIEL: 12:4), assumia-se como “*propheta de Dios y destinado para Messias*” (MONTIEL: 90), já que transformaria o seu balão aerostático em arma bélica para subjugar os povos às suas idéias, libertando os judeus, tirando-os da diáspora, restaurando Israel. É o primeiro candidato a Messias justificado pelo domínio tecnológico e não por razões essencialmente místicas.

Ao cabo de quarenta e cinco dias a pé por aproximadamente quinhentos quilômetros, eles passavam por Toledo, quando então fatigado pela jornada e excitado pela fuga, Bartolomeu não resistiu e morreu na noite de 17 para 18 de novembro de 1724, no Hospital da Misericórdia local, recebendo sob identidade falsa a extrema unção católica, eles que por dissimulação tinham ouvido algumas missas para ocultar o motivo da viagem, sendo sepultado na Igreja de S. Romão Mártir (hoje o Museu dos Concílios e da Cultura Visigótica).

CONCLUSÃO

O tratamento oficial dado neste episódio reflete a fragilidade do aparelho inquisitorial naquele momento. Apenas foram respeitadas as formalidades investigativas. Porém, os funcionários reais que deviam impulsionar o processo, faziam-no por mero protocolo. Por coincidência ou proteção governamental, nenhum deles era indiferente ao fugitivo ou mesmo simpatizante à repressão inquisitorial. A investigação começou com Diogo de Mendonça Corte-Real (1658-1736), Secretário de Estado de D. João V, ordenando a D. Luís da Cunha (1662-1749) que descobrisse a trajetória do fugitivo. Este por sua vez soube que o representante português na Corte francesa, Francisco Mendes de Góes, não só sabia da fuga, como também participara dela. Ele chegou em Paris, depois de fazer parte do percurso com os fugitivos, a 1 de dezembro de 1724.

Todos os personagens desta investigação estavam ligados de algum modo ao fugitivo. Corte-Real fora colega de Bartolomeu na Academia Real de História Portuguesa. Mendes de Góes era amigo de Alexandre de Gusmão, irmão

do trãnsfuga. Amizade que sobreviveu por décadas ao episódio. A correspondência entre ambos até a década de quarenta documenta esta amizade. Mendes de Góes encontrou escola na França para um parente de Gusmão, comprou castiçais para ele, etc (CORTESÃO: 358). Enquanto D. Luís da Cunha, até por razões pessoais, identificou a Inquisição como responsável pela “sangria”, termo que ele usou no seu *Testamento Político* (1747) para designar a fuga destes cérebros de origem judaica e viu isto como o motivo do empobrecimento do país. D. Luís da Cunha foi um diplomata importante, porém a sua genealogia era incomum para a elite portuguesa da época. Ele teve uma avó “suspeita” (Isabel de Aragão, cristã-nova ou hindu?) e viveu amigado com uma judia sefardita, *Mademoiselle Salvador* (CUNHA: 235). É certo que amizades poderosas impediram o prosseguimento da devassa em Portugal e a conseqüente punição para o sobrevivente da aventura.

Na Espanha, ele, Frei João Álvares de Santa Maria, convenientemente arrependeu-se da tresloucada jornada messiânica, prestou declarações ao Santo Ofício, sem outras conseqüências. O documento produzido pelo aparelho de repressão inquisitorial sobreviveu e só foi redescoberto no começo do século XX quando um grupo de historiadores e pintores de S. Paulo concentrados no Museu Paulista buscou forjar uma identidade bandeirante. Dentre os personagens encontrados por eles, surgiu a figura multifacetada de Bartolomeu de Gusmão, misto de cientista incompreendido e heterodoxo religioso. Eles escolheram o cientista, já que um candidato a *Maschiach* não se encaixava no modelo formulado por eles, assim eliminaram qualquer vestígio de judaísmo no episódio, transformando tudo numa perseguição do arcaísmo contra um vulto da ciência. O seu retrato, pertencente ao dito Museu, pintado por Benedito Calixto (1857-1923), é emblemático, nele o padre heterodoxo está em sua sala de estudos, ao lado de tubos de ensaio e outros apetrechos científicos. É um processo histórico semelhante ao que o historiador inglês Eric Hobsbawn denominou como *invention of tradition*. A seguir, políticos paulistas pediram às autoridades espanholas as cinzas do personagem, mas o pedido foi recusado por três vezes, com a justificativa que eles não sabiam distinguir os seus despojos entre os sepultados na Igreja de S. Romão Mártir em Toledo, já que ela foi vandalizada na Guerra Civil Espanhola. Finalmente, em 1966, o deputado paulista Antonio Sylvio da Cunha Bueno (1918-1981) conseguiu com o governo espanhol uma urna com estas pretensas cinzas. Ela chegou em um momento não apropriado a exploração patriótica, assim ficou rolando de instituição em instituição, até que em 2004, por gestões do Major-brigadeiro Paulo Roberto Cardoso Vilarinho (IV Comando Aéreo), foi sepultada na cripta da Catedral paulistana, num local destinado a visitação, sem lembrar, porém, as verdadeiras causas de sua morte.

BIBLIOGRAFIA

- A Bíblia Sagrada contendo o velho e o novo testamento. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida.* Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.
- BOGACIOVAS, Marcelo Meira Amaral. *Monizes e Gusmões da Vila de S. Vicente*, nesta revista, p. 137.
- CUNHA, D. Luís da. *Instruções Políticas. Introdução, estudo e edição crítica por Abílio Diniz Silva.* Lisboa: Comissão para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2001.
- FREITAS, Divaldo Gaspar de. *A vida e as obras de Bartolomeu Lourenço de Gusmão.* S. Paulo: Secretaria de Economia e Planejamento, 1967.
- GUSMÃO, Alexandre de. *Genealogia geral para desvanecer a opinião dos senhores Fidalgos Portugueses que se dizem puritanos.* In: CORTESÃO, Jaime (organizador). *Obras várias de Alexandre de Gusmão.* Rio de Janeiro: MRE / Instituto Rio Branco, 1950. Documento nº XXVIII.
- LIPINER, Elias. *O sapateiro de Trancoso e o alfaiate de Setúbal.* Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- MATZLIAH MELAMED, Rabino Meir (organizador). *Sidur Tefillat Matzliah (Livro de Orações).* S. Paulo: Templo Israelita Brasileiro Ohel Yaacov, 1987.
- MONTIEL DE FUENTENOVILLA, Francisco. *Copia dela relación voluntaria qu / Desi hizo el pe. Fray Juan Alvarez de Sttª Maria Religso carmelita / Calzado,* ANTT nº 15.928, 1725. Publicado por Bertha Leite em *Anais do IV Congresso de História Nacional* (21 a 28 de abril de 1949), XII, RJ: Departamento de Imprensa Nacional, 1951.
- NETANYAHU, Benzion. *Don Isaac Abravanel. Estadista y filósofo.* Salamanca: Junta de Castilla y León, 2004.
- OLIVEIRA MARTINS, *História de Portugal*, Lisboa, 1977.
- PÉREZ FERREIRO, Elvira. “Crônica de um exílio forçado. La emigración clandestina de judeoconversos españoles como respuesta al incremento de la presión inquisitorial a mediados del siglo XVII”. In: *Hispania*, LXIV/2, nº 217, 2004.
- SALGUEIRO, Emílio-Eduardo Guerra. *A actualidade de Jacob Rodrigues Pereira, sábio judeu português do século XVIII, primeiro reeducador de crianças surdas-mudas em França.* In: *Brigantia*, Bragança, volume XXIII, nº ¾, julho e dezembro de 2003.
- SCHWARZ, Samuel. *Os cristãos-novos em Portugal no Século XX.* Lisboa: edição do autor, 1925.
- STRAUSS, Bertrand. “Liste d’ascendance de B. S., adhérent nº 58”. In: *Revue du Cercle de Généalogie Juive*, Paris, outono de 1999.

TAUNAY, Afonso de. *Bartholomeu de Gusmão e sua prioridade aerostática*. S. Paulo: Escola Profissionais Salesianas, 1935.

VALADARES, Paulo. *A presença oculta. Genealogia, identidade e cultura cristã-nova brasileira nos séculos XIX e XX*. Fortaleza: Fundação Ana Lima, 2007.

VIEIRA, Padre Antonio. *Defesa perante o Tribunal do Santo Ofício*. Volumes I e II. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1957.

VISONI, Rodrigo Moura. "O inventor do balão de ar quente". In: *História* nº 83, Lisboa, janeiro de 2006.

PÓS-DATA (3-JUL-2008)

Recebi dos Editores a avaliação de um (a) parecerista, para contestar ou fazer os ajustes sugeridos no artigo acima. Li e por tratar-se de algo que enriquece o debate acadêmico pedi autorização para reproduzi-la na íntegra. Ei-lo:

"Nada tenho contra a leitura nas entrelinhas assumidamente feita pelo articulista, até porque o não dito é, às vezes, mais eloqüente do que ficou expresso. Mas uma coisa é o não dito, outra, o dito que, por isto ou por aquilo, simplesmente se omite. O depoimento de Frei João Álvares de Santa Maria, por ele citado, contém a observação de que Bartolomeu de Gusmão padecia de "contínuos y gravísimos / delírios , já que la enfermedad / unas vezes Le causaba graves delírios / y disparates, outras vezes, y maxime / Al principio, Le quitaba elhablar?" Se tal patologia tirava ou não daquele o juízo, é um problema que o articulista pode tratar como melhor lhe parecer, mas não a ponto de fazer tabula rasa de sua existência, pois, na primeira hipótese, as conclusões a que chegou talvez não tenham aos olhos do leitor, o peso que se lhes atribui. A propósito, anexo também o parecer da própria comissão julgadora do trabalho de Bertha Leite apresentado ao IV Congresso de História Nacional realizado pelo IHGB, onde tal circunstância foi, expressamente consignada. Não está em causa, portanto, a liberdade de interpretar e concluir, mas o direito do leitor, que não teve acesso à transcrição integral do documento, saber ou pelo menos supor, que tudo o que nele se contém foi objeto de análise pelo articulista. E há de se convir que uma suposta insanidade do principal protagonista, levantada por seu próprio irmão, não seja coisa de somenos. Por tal fundamentação, minha aprovação é com restrições".

Fiquei satisfeito saber que não há contestação ao documento, apenas à sua leitura. Meu interesse é o que chamo de "Cultura cristã-nova" e como ela foi veículo de expressão de muitos, de cristãos-novos e velhos, sadios e loucos. Bartolomeu, sadio ou enlouquecido manifestou-se dentro dela, podia tê-lo feito dentro do Catolicismo, mas não o fez. Isto é o que me interessa para compor o artigo.